

# O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

15 de Fevereiro de 1863.

XI.

## SUMMARIO.

	Page.		Page.
Tres pessoas distinctas, por F. X. DE NOVAES.	341	A desgraça da riqueza, por ANNA AUGUSTA PLACIDO.	360
Dous casamentos, por C. CASTELLO BRANCO	345	Dinheiro, por F. X. DE NOVAES.	365
Versos de Bulhão Pato, por J. M. DE ANDRADE FERREIRA	354	Um Anjo, por M. REIS FOJO SEABRA.	368
		Chronica, por MACHADO DE ASSIS.	370

RIO DE JANEIRO.

Typ. do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55.







TRES PESSOAS DISTINCTAS

## TRES PESSOAS DISTINCTAS.

O senhor Matheus Mathias,  
Assignante do *Futuro*,  
Muito amante de poesias,  
Procura todos os dias  
Ao coração, já maduro,  
Dar mimosas iguarias :  
— Vendo em papel estendido,  
De longe, nomes dispersos,  
Deixa tudo, e está cahido,  
Só por cuidar que são versos ;  
Mas, nas letras entendido,  
Não fica sempre contente,  
E lê de nariz torcido  
Versos de papeis diarios,  
Onde, entre annuncios mettido,  
O pobre amor é zurzido  
Por vates incendiarios ;  
Onde a satyra pungente,  
Que ao leitor punge os ouvidos,  
Mostra que um triste demante,  
Com seus brios offendidos,  
Deixa, ás vezes, de ser gente.  
Vingando, em couces medidos,  
Mais curtos ou mais compridos,  
Com instinctos sanguinarios,  
Affrontas ao seu orgulho,  
Que na asinina cabeça,  
Lhe fazem grande barulho  
Sem que a paixão appareça :  
— Matheus Mathias, causado  
De tão prosaica poesia,  
Quiz ver, aqui, se encontrava  
O que tanto appetecia ;  
Mas, por fim, viu-se enganado  
Quando a folha folheava !

Não calculou que o poeta,  
 Se tem os versos por meio,  
 Sendo o fim, da vida a prosa,  
 Que ali só encontraria,  
 Despresa a Musa dilecta,  
 E o coração tendo cheio,  
 Pede á cabeça, vasia,  
 Que s' lte a veia jocosa,  
 Que elle chore, e o povo ria...  
 E, em vez de um canto sentido,  
 Achou só verso rimado,  
 Onde o pr ser, mal fingido,  
 Da ca himonia arrancado,  
 Se transforma em frioleira !  
 — Por ter pago a assignatura,  
 (O que é, para alguns, asneira)  
 Foi adiante na leitura,  
 E repetiu : « Não me cheira ! »

Mathias Matheus, mais serio,  
 Homem de senso e criterio,  
 Gosta só do positivo :  
 Na poesia acha mysterio,  
 Julga-a, de mais, vaporosa,  
 E, velh co. e de olho vivo,  
 Quasi, quasi diplomata,  
 Só lhe agrada a que é rançosa,  
 Prosa villã, prosa chata,  
 Em que a politica é thema,  
 Que d'outra cousa não trata ;  
 Apenas lê, por systema.  
 As grandes folhas diarias,  
 E é só dessas assignante ;  
 Foge á cousas litterarias,  
 Que somno tem já b stante.  
 Em casa põe luminarias  
 N's dias de grande galla ;  
 Cá por fora, apenas falla  
 Do seu paiz no progresso,  
 Que no futuro inda espera ;  
 E' rico, mas como Cresso  
 No luxo, bem que o podera,

Não gasta, que é desperdício :  
 Lêr d'alt e b'ixo as gasetas,  
 Engolir, transmittir petas,  
 E' seu praser, é seu vicio.  
 Usa aquelles collarinhos  
 Que o livram, lá na janella,  
 De ser visto dos visinhos ;  
 E na rua, por c'utella,  
 Entre elles se escapa ao vento,  
 E assim anda, noite e dia,  
 De consti,ações isento.  
 Tem trinta annos o casaco  
 Que, porque a moda varia,  
 Se chama *paletot-saco* :  
 Por fresco, ve-te-o no estio,  
 Mas julga-o, por experiencia,  
 Bem quente, quando faz frio.  
 Da vida tendo a sciencia,  
 Entregue á leitura amada,  
 Deixa o mundo ir seu caminho,  
 Não quer saber de mais nada,  
 E ri-se do bom visinho  
 Que inda assim velho, gottoso,  
 Quer passar por litterato.

De senhor Mattos Mattoso  
 Não pode alguém, com firmesa,  
 Dar um perfeito retrato :  
 E' docil por natureza,  
 Mas em tal docilidade  
 Sobe ou desce, com destresa,  
 Conforme o grau de riqueza  
 De quem lhe off'erta o conselho.  
 Aqui, é todo bondade ;  
 Conhece a pancada ao velho,  
 Consulta sempre o seu voto  
 Quando as questões avalia,  
 E ao santo de que é devoto  
 Fz também a romaria :  
 Se grita o velho « Tratantes ! »  
 Responde o amigo : « Bregeiros ! »  
 — São uns grandes meliantes ! —

— Sim, senhor, uns embusteiros! —  
 Vae-se a conversa alargando,  
 Salta o velho de contente  
 Por encontrar quem o siga ;  
 As horas vão caminhando,  
 Mattos Mattoso já sente  
 Exigencias da barriga,  
 E com pesar se despede :  
 « Pois não vem jantar comigo ? »  
 — Brada o velho entusiasmado —  
 « O senhor manda, não pede ;  
 « Quem tem um tão bom amigo,  
 « E' sempre firme a seu lado. »  
 E lá vão ambos fallando  
 Na politica do dia,  
 Sempre em tudo concordando,  
 Sem lugar para a porfia,  
 Que do velho os pensamentos  
 O bom Mattos sempre affaga ;  
 E em santa paz conversando  
 Parecem breves momentos  
 As horas que vão passando :  
 Desta scena o resultado  
 E' cousa que não se indaga ;  
 Deve estar já calculado  
 Que estão n' um *hotel* jantando,  
 Que ambos comem, e um só paga.  
 Vem d'ahi a attenção séria  
 Com que está Mattos Mattoso  
 Ouvindo o que lê Mathias ;  
 Que a nao ser algum goloso  
 Ninguém, sobre tal materia,  
 O ouvira todos os dias.  
 Elle ouve, e o mundo lhe chama  
 Um parasita, um tratante ;  
 Mas, ás vezes, mente a fama ;  
 Porque o tal, calumniado,  
 Que é do *Futuro* assignante,  
 — Por gosto não a pedido, —  
 Em cousas mil occupado,  
 Na politica entretido,  
 Não gosta dessa leitura ;

Mas, porque tinha assignado,  
Já pagou a assignatura.

— Pois foi pessima a lembrança!  
Acho agora muita gente  
Que, fugindo á semelhança,  
Porque tem foros de honrada,  
Assigna espontaneamente,  
Lê tudo, e não paga nada.

F. X. DE NOVAES.

---

## DOUS CASAMENTOS.

(SEGUNDA PARTE)

I.

A condessa de Prazins ganhára as demandas, e enriquecêra.

No mesmo dia, em que a ultima sentença foi lavrada, o velho e sua filha, a muito instados em sua mal rebuçada pobreza, deixaram a pobre casa em que viviam, e hospedaram-se no palacio da condessa. E no primeiro paquete Ellena mandára a Guilherme uma carta da fidalga, chamando-o immediatamente a Portugal.

Ao mesmo tempo, Guilherme, presado ao pai do discipulo, que lhe emprestára a chacara, sahiu do Rio de Janeiro para além de S. Paulo, cujo clima é mais sadio. O moço deixava-se ir indolentemente, sem contar com os beneficios do ar; mas ainda assim, no dizer d'elle, secreto impulso o acorçoava a seguir os dictames da protectora amizade do negociante. A' sahida do Rio, deixou Guilherme cartas escriptas para Portugal, nas quaes dizia o seu destino.

Do Paraguay escreveu, confiando as cartas a um allemão que vinha a Lisboa; mas este allemão naufragara, e as cartas de Guilherme não accudiram ás ancias de Ellena. As que tinham ido de Portugal, com o chamamento da condessa, per-

deram-se entre a capital do imperio e a remota provincia, para onde tinham sido descautelosamente dirigidas. Deu-se, pois, que no espaço de cinco mezes, os dous infelizes não trocaram palavra, se é que em espirito se não encontraram em algum oasis do seu immenso e solitario desterro.

Que angustias lá e cá ! Para ambos havia uma quasi certeza da morte do outro. O moço, ao sahir do Rio, tinha escripto a Ellena : « vou procurar a sepultura em melhor clima : lá para o sul a vegetação é mais rica de flores, e o dormir eterno é acalentado pelas maviosas melodias das aves. « Flores são um formoso pavilhão de sepultura : onde ellas « perfumam deve dar menos asco a putrefacção do cadaver ».

Era de rasão que a pobre Ellena o julgasse morto, cinco mezes depois desta carta, cinco mezes de sepulcral silencio !

Ai ! a soffrer tanto aquella infeliz, por que não morria ? Que esperança lhe escorava a hastesinha da existencia sem flor unica, sem renovos d'outra primavera ? Aqui é o ponto de cremos que da mão de Deus estava a triste, sempre orando, sempre esperando, quando ninguem esperava !

## II.

Acaso encontrára Guilherme em Matto-grosso um seu condiscipulo de latim, recentemente chegado de Lisboa. Pediu-lhe novas do mestre commum, e recebeu-as triste. O portuguez disse que fôra despedir-se, e encontrára outra familia no predio, e ninguem que lhe dissesse o destino do velho e da filha. Conjecturou Guilherme que o pai fallecêra, e a filha iria abrigar a sua orfandade e pobresa na caridade da condessa de Prazins.

As melhoras foram tão rapidas como passageiras. Talvez que o moço vigorizasse, se um raio de alegria lhe aquecesse os pulmoens congelados pela glacial desgraça. Oh ! que milagres opera o contentamento ! Quantas vezes a imprevista mão de uma mulher sustem uma lousa, que já inclina ao peito d'onde o coração sahia em golphos de sangue ! Um dever sagrado, a obrigação de viver para amparo d'um filho, é tantas vezes o sustentaculo de uma vida desesperada ! Affectos, ainda menos poderosos, bastam a dilatar o horisonte da vida aos desalentados caminheiros da sepultura. O arraiar d'uma esperança, que os alvoroça, como ao fatigado viageiro do deserto a moita das palmeiras ; uma saudade do que foi, rompendo as trevas do futuro para lá nos accender luz igual á

que julgavamos para sempre extincta !... Em quão pouco está a vida, e a morte !

### III.

A condessa de Prazins tivera um amigo leal nos dias da dolorosa experiencia. Era um jornalista. Os serviços, que elle podéra fazer á viuva assoberbada por litigios, eram apregoar os direitos da sua causa, na imprensa. Por amor da justiça da illustre dama fôra elle despedido de alguns jornaes, subornados pelos contendores. Já o escriptor tirava a partido a faculdade de advogar no jornal, onde ia escrever, os direitos da condessa. A sociedade, sem rebuço nem respeito, indigitava o escriptor como esperançoso marido da viuva, se peor não era ainda o conceito.

O jornalista, Francisco de Alpoim, visitava muitas vezes a condessa, quando parentes e amigos a não visitavam nunca, e raro se via nos saloens do festejado palacio, depois que os respetos e amisades ali surgiram como por encanto. Não poucas vezes a opulenta Prazins apeava da carruagem á porta da modesta casa do jornalista, e sentava-se diante da banca do operario incansavel, consultando-o sobre coisas de pouca monta com o fim de obrigar-o a levar-lhe respostas.

Não constrangido, mas timorato, Francisco de Alpoim nunca bem se affez a passar as noites na sala da condessa. Parece que heide recorrer ao absurdo para idoneamente explicar o constrangimento do litterato. E' verdade que os seus meritos de defensor ficam sendo ouro com liga : mas a verdade, em romances, é que eu quero no superior quilate. Alpoim amava a condessa, desde que a vira no escriptorio do advogado, onde o jornalista praticava. Fôra, de mandado do patrono, consultal-a e examinar titulos, algumas vezes. Nestas diligencias, o amor acrisolou-se em paixão e a paixão em profundo e silencioso respeito, cousa parecida com o terror religioso, nas almas nimamente supersticiosas.

Lembrou-se elle por vezes, que a perda das demandas igualaria a fidalga a qualquer senhora talhada para esposa de um bacharel:—escriptor publico. Este desejo, porém, volvia-se-lhe odioso, ao lembrar-se que vira chorar a condessa, com medo de perder as suas demandas, chorar de vergonha de ser pobre, chorar o perdimento de algumas formosas esperanças em que andava embevecida. E, por isso, nem na pobreza, nem na opulencia, lhe disse que a adorava.

De per si, a fidalga pasmava do desinteresse, senão orgulho, do litterato, e scismava em premial-o melindrosamente da dedicação a que ella suppunha dever o bom resultado, até certo ponto, dos seus pleitos.

Ellena via com estima o escriptor, este admirava-lhe a lindeza, ornada com as gallas da melancolia.

A condessa, a sós com a menina, exaltava as qualidades de Francisco de Alpoim, e, a sós com elle, dizia de Ellena com maternal affecto o mais que poderia dizer-se d'uma filha, ou de um anjo.

Comprehendeu-a Alpoim, e então se desenganou de que não era amado. Teve más noites de chorar a esvaída esperança de quatro annos; mas, aferrou-se á ancora da dignidade, e sahiu outro, caldeado da forja do soffrimento. Os brios podem tudo que o coração não pode.

## IV.

Quando a condessa sondou o coração de Ellena, a respeito de Francisco de Alpoim, achou lá a imagem de Guilherme. Deixou-a chorar, incitou-a mesmo a redobradas lagrimas, lembrando-lhe a mesma renunciação do moço, provavelmente fallecido, e deste ponto em diante obrigou-a a olhar para o futuro. E dizia-lhe: — Guilherme adivinhava a existencia de Francisco de Alpoim, quando lhe escrevia: « Se a Providencia te dê um apoio n'esta vida, accéita-o que eu te abenço a resolução. » Eu creio que no seio de Francisco d'Alpoim está o coração de Guilherme. Eram dous anjos que lhe deviam apparecer: accéite o segundo, filha, já que o primeiro, lh'o levou Deus.

— Guilherme hade tornar! — exclamava Ellena, com fervente vehemencia de sua fé.

— Não tornará, Ellena.

— Pois V. Ex. tem a certeza de que elle morreu?

— Não... mas não tenho uma só probabilidade de que elle viva.

A's rasoens da condessa accresceram as instancias do velho, que estremecia as virtudes do moço, chorando sempre a perda do discipulo. Ellena, creada na obediencia filial, e no respeito á protectora de seu pai, cedeu silenciosa, contando com uma breve morte resgatar-se da violencia, sem ter dado desgosto a alguém. Muitas damas me dirão que era fraca a môça... Ora, mêtta cada qual a mão em sua consciencia, e

mostre-me as maravilhas, que eu ainda não descobri neste barro, que tão lindas formas tem na leitora, e tão desgracioso é, se a mais leve pancada o desmancha !

Caso estranho ! O escriptor, á força de contemplar Ellena, passou da sympatica condolencia ao amor grave e scismador. Sabia a curta historia de Ellena, e invejava o coração que ainda palpitava por Guilherme. Já queria poder certificar-se de que a imagem de um homem morto lhe não disputava os sonhos da triste menina. Segredava á condessa os seus receios, e folgava de ouvir que o tempo faria o seu dever, deixando os mortos em eterna paz, e os vivos no livre goso das suas venturas.

Era pobre Ellena, como sabem ; porém o bacharel não pensava n'isso. O escriptor apurava do seu trabalho uns cem mil réis cada mez, e imaginava-se mais que rico, por que se tinha em conta de feliz. A condessa, porém, não queria que a sua Ellena fosse a paga unica de grandes serviços. Pensou em dotal-a ; mas temeu, com acerto, ferir o melindre de Alpoim. Inventou um bilhete de loteria comprado em nome de Ellena : e, corrida a roda, inventou um premio de dez contos, cuja veracidade ninguem averiguou. E' certo que a filha do ex-professor de linguas dotava-se com vinte mil crusados.

## V.

Estava marcado o dia do casamento, e Ellena esperava ainda. Já Franciscó de Alpoim se occupava alegremente de mobilar casa, com todas as poeticas condições da vida domestica. Pensava nas delicias do trabalho, com um anjo inspirador ao lado. Despedia-se com tedio das noites desbaratadas nos cafés, nos theatros e nos bailes. Mandava jardinar o quintal, para que as flôres, na primavera, lhe festejassem a esposa, se a inveja as não despeitasse.

E Ellena esperava ainda, e via com indifferença as caças, e sedas, e gallas do seu enxoval.

« Se fosse uma mortalha !... » disia ella entre si.

A condessa nunca levantava a voz em monologos ; porém aqui não há remedio senão obrigar-a a dizer-nos o que pensava, com a face ainda bella encostada á mão, e o cotovello do gentil braço apoiado n'um parapeito de miradouro, olhando ao mar :

« No tempo em que Alpoim me obrigava com tantos sacrificios, sacrificando-me até os seus interesses, pude ima-

ginar-me amada por elle, e o meu orgulho soffreu com isso. Perdoei-lhe por ver quanto me elle respeitava, e quasi cheguei a lisongear-me de ser assim amada !... Foi um engano, como tantos que nós, orgulhosas e desatinadas, sabemos crear !... Eil-o ahí está feliz, se é que alguma vez se julgou infeliz na distancia que nos separava !... Ainda bem que eu nunca lhe ouvi nem disse palavra, que hoje possa envergonhar-me, nem obrigar-o a elle a explicações. Será certo que eu alguma vez o ameí ?... »

A Condessa como que fugiu de si mesma para não responder a semelhante pergunta. Ainda bem, que, momentos depois, ao recordar-se da pergunta, respondeu-se assim : « Que disparate ! »

Entendam lá as senhoras !

## VI.

Guilherme tocou o extremo de atonia moral em que já não ha vontade propria.

O dedicado capitalista veio á Europa, e trouxe-o em sua companhia. Apenas transpuzeram a linha do oceano, que para tantas compleições é balisa entre vida e morte, Guilherme recobrou alentos e como ao inlevar-se no ceu estrellado, reconhecia com jubilo o ceu da patria, com as estrellas invocadas nos devaneios da sua infancia. Pareceu-lhe que acordava, e se lembrava de ter vivido ! Viu Ellena, ouviu-a nos juramentos do ultimo adeus ! Minuto a minuto, recordou tudo que pouco e pouco lá vira queimar-se ao sol ardente da America. « Se ella vivesse ! » exclamava elle. E logo ajuntava : « Viveria para outro, que eu aqui vou pobre como vim ! nem as esperanças que foram comigo ! »

Desembarcou Guilherme, em Lisboa, no anno de 1856.

O pulso era regular, as faces revicavam nas antigas côres, a idéa descongelava-se do torpor da alma, o anjo da esperança ondeava-lhe nos páramos de luz, que se abrilhantavam como nova aurora de poësia. Era a patria !.. O que esta palavra é, só os grandemente desgraçados o sabem !

Foi á rua da Procissão, onde morava o mestre. Tinha o coração em ancias, quando perguntava por elle. Deus louvado ! Um antigo visinho mandou-o procurar o velho e a filha a casa da Condessa de Prazins, e — desgraça inexoravel ! — accrescentou :

« Ainda ha dias aqui estive o bom pai, contando-me que

a filha vai casar com um doutor muito sabio, e leva vinte mil crusados de dote, que lhe sabiram na loteria ! Mereceu-o a Deus, que era uma alma pura aquella menina ! »

D'ali, Guilherme foi procurar seu pai : tinha morrido. Foi procurar o bemfeitor, que o trouxera á patria, e disse-lhe « Não achei ninguem : não tenho patria... Leve-me outra vez comsigo. »

## VII.

E Ellena esperava ainda.

Era por uma tarde de abril. O Tejo mostrava a serenidade de um lago. As serras de além toucavam-se de escarlata, com os clarões moribundos do sol.

Ellena descêra, pelo braço do pai, ao «Caes das columnas.» D'ali vira ella partir, dois annos antes, a gallera *Carlota*, que levava Guilherme. Ia despedir-se, despedir-se de uma sombra, que ainda de lá lhe acenava com um lenço, então molhado de lagrimas e agora de sangue !..

E, a despedir-se, esperava ainda !

Ao voltar do Tejo os olhos lagrimosos, viu, reparou, enchugou os olhos para ver, enchugou-os segunda vez, largou precipitadamente o braço do pai, e correu, correu... e o ancião a seguil-a, e a clamar : « filha, minha filha !... »

Lá ao longe, ao lado da *Memoria*, vinha Guilherme, a passo lento, só, com os olhos em terra.

Acaso os ergueu, e viu uma mulher correndo para elle. Parou, e ouviu o seu nome. Correu para Ellena, e já tão perto, que o halito offegante aquecia a face de ambos, não pôde amparal-a nos braços, e ergueu-a da terra sem sentidos.

D'ahi a pouco, o ancião e a filha exanime, nos braços de Guilherme, entraram n'uma carruagem.

A populaça não queria deixar romper a carruagem sem saber a historia. O escarneo da curiosidade ! O maximo-inferno das angustias !

## VIII.

No dia seguinte, a Condessa apeou á porta do escriptor, e disse-lhe :

« Venha comigo.

Entraram n'uma sala do palacio, manso e manso, e avisinharam-se d'outra em que estavam Ellena, Guilherme e o velho.

— Quem é aquelle homem? ! — perguntou o escriptor, atordoado com a visão e com o ar mysterioso d'aquelles passos.

— Escutemol-o, — disse a Condessa.

E Guilherme dizia assim:

« Basta-me ver-te feliz, minha irman... Desliguei-te da tua palavra; não permitta Deos que eu viesse tolher o teu futuro. A minha vida já por lá ficou, Ellena. Creio que vim dar-te o final adeus, e mais nada. Teu pai reconhece as virtudes de teu marido: deve tel-as, porque te soube avaliar, minha irman. Heide amar-vos a ambos, e provarvol-o emquanto viver...

— Oh! que friesa Guilherme! — exclamou Ellena.

— Friesa, não, minha amiga... atalhou elle limpando o suor da fronte — Eu precisava de vida, que não tenho, para achar sabor á luta com a desgraça. Aqui ha só o coração com uma pouca de virtude facil. Estas renunciias ao pé da sepultura não custam nada... Eu heide ver o teu esposo, e fallar-lhe do anjo que tu eras, e elle me dirá o anjo que tu has de ser.

« Nobre alma! » murmurou o escriptor, e entrou de golpe na salla, e a Condessa com elle.

Guilherme ergueu-se para comprimentar a fidalga, Francisco de Alpoim adiantou-se a apertar-lhe a mão, e disse:

— O Sr. me dirá o anjo que foi Ellena, e o anjo que ella ha de ser. O irmão sou eu, e como irmão lhes dou uma casa para residirem. Lá estão as flôres, Ellena, que se abriram para festejar a sua verdadeira ventura. A sua felicidade comigo seria uma ficção, como tantas que o mundo pactua em chamar contentamentos.

A Condessa abraçou Francisco de Alpoim, e, se não fallou, isto ouviu ella que lhe dizia a alma:

« Quem podéra ser amada por elle!...

### CONCLUSÃO.

O leitor já a sabe.

Estão casados Ellena e Guilherme, poucos dias depois.

Com a felicidade, vêm a saude, e com a saude des-cerram-se novos horisontes de felicidade.

Um casamento está sabido; mas o outro ?

O outro é de uma simplicidade que afflige o romancista mais imaginativo.

A Condessa está, uma noite, tomando chá em uma banquinha de charão, e defronte della está Francisco de Alpoim. A Condessa ri da pequenez da banquetta, e diz :

— E' uma mesa de amantes felizes !... Senancourt escreve que alguns espiritos, para sentirem o goso da soledade, carecem de um pequeno quarto, com uma pequenissima mobilia. Devia ter dito isto dos amantes, e não dos solitarios. Parece-lhe ?

— Sonhei essa felicidade, respondeu Alpoim.

Quando ?

— Quando sonhava, e chorava de alegria por aspirar a tão pouco.

— E não realisou o sonho !... porque ?...

— O anjo que eu chamava á minha soledade, destinava-se ás deslumbrantes glorias da vida. Nunca me viu na minha obscuridade.

— E esqueceu depois essa mulher ?.. *mulher*, digo, para corrigir a palavra « anjo »...

— Não a esqueci : ergui entre nós a barreira da dignidade de ambos.

— E, se hoje a encontrasse, reconhecia-a ?

— Sim, minha senhora : reconhecia-a, amiga como podem sel-o os anjos.

— E quizera que ella fosse sua esposa ? — redarguiu a Condessa, estendendo-lhe a mão.

Francisco de Alpoim ergueu-se arrebatadamente, e neste movimento a banquetta ia tombando.

A Condessa abraçou-o ; e, apontando para a mesa que cahia, disse :

— Não me parece que estas banquinhos sejam muito boas para esposos felizes !..

A Condessa de Prazins vive em dulcissima intimidade com D. Ellena da Costa. Os dois maridos, altos personagens na politica, posto que adversarios, e chefes de litigantes lojas maçonicas, são amigos inseparaveis !

Já é quererem-se muito !..

Lisboa, 2 de Setembro de 1862.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## VERSOS DE BULHÃO PATO.

A critica tambem tem as suas aberrações e as suas sympathias, e em o numero daquellas deve de certo entrar a facilidade com que ella appellidou a poesia de Bulhão Pato de *poesia loura*. Se, á maneira do que Sainte-Beuve escreveu, tratando de Alfredo de Vigny, desejam exprimir na phrase « poesia loura » a poesia pura, entusiasta, candida, a poesia ingenua e de expansivos e simples affectos, talvez que o epitheto não seja de todo descabido no poetar do sincero e apaixonado cantor; mas agora, se « poesia loura » querem que seja a poesia de indole bulhosa, doudejante, infantil, travessa, embora de singellos e descuidosos devaneios, então a qualificação não é de todo verdadeira, porque o auctor da *Convalescente no outomno*, da *Helena*, da *Visão do baile*, e de outros tantos poemetos inspirados pelo amor e pela saudade, é um poeta intimo, affectuoso, melancolico, elegiaco até, e cuja candura de alma desaffoga em ardentes e suaves estrophes de sentimento lyrico. Nem tão pouco é completa, e nem se quer aproximada, a similhança dos instinctos poeticos de Bulhão Pato com o genero de talento de Alfredo de Musset; ha evidente differença nas inspirações que mais habitualmente inflammam o estro dos dous poetas, e ainda maior differença nos caminhos que seguem, nos aspectos naturaes com que sympathisam, e nos affectos que lhes accendem o coração e a phantasia. Nada mais difficil do que fazer classificações, e todavia, a critica abalança-se muitas vezes a este arbitrio, separando, analysando e qualificando o talento de qualquer escriptor por especies e familias, como o poderia fazer tratando-se de qualquer familia das plantas. Disto segue-se que mais de um Linneu tem naufragado no empenho de similhantes divisões scientificas, por que realmente ha grande distancia entre pôr uma etiqueta sobre este arbusto ou aquella flôr, ou collocal-a sobre um poeta ou um prosador. Todavia, no nosso caso, a analyse e a divisão estão feitas. O talento de Alfredo de Musset é um mixto de Byron e Sterne, em quanto que Bulhão Pato pertence á sentimental e melancolica estirpe de almas apaixonadas, que em França tem por irmãos M<sup>me</sup> de Valmore e M<sup>me</sup> Tastu, e que entre nós é a expressão da verdadeira indole da poesia peninsular. E se não fosse a *ancia*, que sempre entre nós houve, e muito mais nestes nossos tempos de faceis e desejadas aclimações estrangeiras, de ir sempre procurar fóra aproximações destas, como se este baptismo estranho, se tornasse indispensavel para a consagração dos nossos engenhos, se não fosse esta *ancia*, repetimos, facil seria encontrar, mesmo no parnaso portuguez, os congenitos e os illustres ascendentes da linhagem poetica de Bulhão Pato. Analysando e seguindo com a vista a veia poetica de Bulhão Pato, que ora se derrama em tranquillos e crystalinos meandros, por

balseiras perfumadas, que, attrahidas pelo suavissimo sussurro do gracioso arroio, vem remirar-se na corrente e beijar-lhe as aguas; ora correndo mais apressada e espumosa, se esconde em grutas, onde o amor depositára seus mysterios, ora volvendo atraz e enredando-se na selva, depara com uma gentil serrana, e ahí se demora em limpidos rodeios, como se tão seductor aspecto lhe immobilisara o nativo impulso; analysando e seguindo com os olhos todos estes caprichosos gyros, quem não comprehende que a alma do poeta se anima de todos os sentimentos que o contacto da formosura inflamma, e os diversos aspectos da natureza idealisam, e que daqui sahe aquelle composto de lyrismo suave e affectuoso, que umas vezes toma as formas bucolicas, outras arde nos impetos eroticos, outras emfim procura os tons meigos e penetrantes da elegia, composto sympathico e mavioso de que o desditoso Macias é já o precursor, ainda que mal definido, e Bernardim Ribeiro, a nossa mais perfeita e gloriosa personificação?! Quem não comprehende esta indole e este parentesco?! E' do poeta das *saudades* que descende em linha recta o auctor da *Helena*. Até ha incontestaveis pontos de analogia entre muitos dos sentimentos, inspirações e até entre a propria concepção poetica dos dous trovadores. E' trovador chamarei a Bulhão Pato, porque elle, como João de Lemos, e como Thomaz Ribeiro, e talvez mais do que o primeiro, e tanto como o segundo, é um dos naturalissimos filhos desta familia peninsular. Na sua estréa o mostrou logo, na *Revista Universal*. Foi justamente a ingenuidade, o gracioso desalinho desta musa que, para se mostrar, nem procurava as pompas das metaphoras de Víctor Hugo, nem os embevecimentos contemplativos de Lamartine, que attrahiu a attenção e sympathia de todos. Quando a maior parte dos nossos manebos corria azafamada a jurar bandeiras nas hostes gloriosas dos grandes mestres francezes, Bulhão Pato parecia só querer evocar do primeiro e mais nativo periodo da nossa poesia aquella singellessa, aquella candura de affectos, aquella profunda e dolorida saudade, que os cantores provençaes nos trouxeram, e que os poetas arabes nos deixaram. E' este o caracter da poesia peninsular, e ninguem, como Bulhão Pato, a não ser o auctor de D. Jaime, a sente e revela melhor. Nos mesmos versos em que elle parece affastar-se um pouco da natureza dos assumptos mais predilectos ao alaude antigo, nesses mesmos respira a simplicidade, os affectos tranquilllos, o tom da suave e intima tristeza, que são o seu caracteristico. Na *folha desbotada*, diz o poeta :

.... E' esta na existencia  
 A tua estrella de amor!  
 De amor puro, intenso, ardente,  
 Mas que, occulto eternamente,  
 No meu peito ficará!  
 Que, no infortunio nascido,  
 Só commigo tem vivido,  
 E commigo morrerá.

Não será esta a ingenuidade, o affecto tocante e singello, a mesma ausencia de artificios de estylo dos trovadores?! Até as repetições do mesmo pensamento no trocadilho final, umas das suas formulas mais usadas e características.

E nesta estróphe, da poesia que o auctor intitula *voltas*, não encontraremos nós a propria maneira bucolica de Bernardim Ribeiro, aponto de nos parecer estar lendo (á parte a differença do progresso litterario das duas edades) algumas das eglogas do auctor da *Menina e Moça*?

Agora entre as outras flôres  
Correm uns certos rumores...  
Quaes são, não sei; mas ouvi  
Que as mais bellas da campina  
(Por quem és tão invejada),  
Quando hoje chamão por ti,  
Dizem — rosa namorada,  
E não — rosa purpurina.

Nestes versos ha a graça do idyllio junto ao perfume suave da egloga: é Rodrigues Lobo e Bernardes ao mesmo tempo.

Mas quem me vir tão escrupuloso a inquirir assim a origem e progenie poetica de Bulhão Pato, talvez presuma que elle faz consistir seus titulos de fidalguia litteraria em ser perfilhado nesta ou naquella eschola, e que eu por lisonjear a vaidade do poeta, a mais feminil e meticulosa de todas as vaidades, me dei a esta tarefa de investigação de linhagens, desentranhando do cadoz dos pergaminhos da archeologia litteraria os seus attestados de filiação. Pois se cuidam isto, cuidam mal. Bulhão Pato nunca pensou em escholas poeticas, e é justamente desta isenção de pensamentos que lhe resulta a liberdade que desde os primeiros annos inculcara a individualidade do seu engenho. Bulhão Pato canta como o rouxinol trina, como a rôla geme, como a andorinha pipilla, sem outra sciencia nem outra pretensão senão o desabafo dos impetos que lhe agitam a alma, sem outro auxilio mais do que a nota espontanea e natural. E' um poeta intuitivo, affectuoso e expansivo, e tão facil em derramar lagrimas e mover-se a todos os transportes, tão debatido e envergado pelos ventos da paixão, tão inspirado só pelos abalos intimos, tão estranho a escholas e artificios da arte, que lendo-o, e ainda mais, ouvindo-o recitar os setis proprios versos com a vehemencia e admiravel naturalidade com que elle os recita, é impossivel não considerar a poesia como independente de todo o fim convencional, e não ver nella o simples dom do poeta chorar, compadecer ou exaltar as suas angustias, envolvendo na melodia o seu soffrimento. E é por isto que elle pertence, não intencionalmente, mas pela organização do seu ser poetico, á mesma familia de cantores naturaes e espontaneos que em combinações rhythmicas de extrema singellesa, acolhiam por unicas inspirações a natureza, a gloria e o amor.

Não confundam todavia a naturalidade deste talento com a ligeireza que possa resultar de uma imaginação fácil, porque Bulhão Pato é daquellas organizações em que seria até impossível separar o talento da sensibilidade, e que, por um admiravel accôrdo moral, por um grande fundo de pathetico, nunca é deveras poeta senão quando é amante ou vivamente impressionado. A sua faculdáde poetica liga-se á paixão, como o echo á vaga como a vaga ao lago solitario.

Ma pauvre lyre, c'est mon âme!  
póde dizer o poeta, e neste verso resumirá a essencia da sua inspição profunda e melancholica, mas ao mesmo tempo espontanea e desartificiosa. E isto explica-se. Foi no embate das contrariedades da vida, em lucta com as paixões, embora juvenis, porém sempre ardentes e acerbias, que o coração do mancebo modellou os seus soluços, sem outro mestre senão a voz secreta da sua dôr. A lyra de Bulhão Pato nasceu uma lyra harmoniosa, mas uma lyra quebrada. E quem foi que no primeiro dedilhar lhe arrancou logo accents tão penetrantes e doloridos? Que ingratição ou que infortunio lhe misturou com innocentes amores os ais carpidos da saudade que se lastima, ainda no limiar da vida, como Millevoye ou Soares de Passos? Talvez nos seguintes versos achemos parte deste segredo,

Esvaeceu-se então completamente  
A meus olhos o anjo da caudura,  
Das commoções divinas, da virtude,  
E achei-me só, perdido, face a face  
Ante o demonio das paixões terrestres!  
Dei-lhe a mão, e senti num paroxismo  
De desejo e de amor fugir a vida.

Amargas desillusões enchem a vida do poeta, umas verdadeiras, outras agravadas pela ardencia da sua imaginação fogosa. E neste primeiro poemeto da *Lelia* estão resumidos os mysterios da alma do affectuoso cantor. E' nas expansões delirantes de um affecto candido, que desabroxa este amor: « E's minha, diz o poeta,

« E's minha: do céu proveio  
O poder que a ti me prende,  
Mas diverso fogo accende  
O teu e meu coração:  
Tu, no mundo és a innocencia;  
Eu, sou na terra a poesia;  
Tu, dás-me a tua alegria,  
Eu, dou-te a minha paixão!

Dou-te as sombras da tristeza,  
Que acertam sobre teu rosto,  
Como as sombras do sol pôsto  
Na rosa agreste do val.  
Recebes num meigo abraço  
Meu profundo sentimento,  
E dás-me o contentamento  
Do teu seio virginal.

Mas a aurora deste amor depressa se anuvia de nuvens de tristeza, porque logo depois o coração, ferido da ingratidão, exclama :

Quando a razão voltou, como-o murmúrio  
Da fresca viração da primavera,  
O sopro perfumado de seus lábios  
Vinha affagar-me docemente a fronte.  
Os aneis do cabelo ondado e negro,  
Espargindo-se avaros procuravam  
Occultar-me da vista aquelle seio.  
Impaciente os affasto, devorando  
Num beijo, em mil, um mundo de delicias.  
Oh ! como então no peito me pullava  
O coração vaidoso e triumphante !

No languido quebranto que succede  
Ao febril desvario dos sentidos,  
Julia estava a meu lado ; amortecida,  
Por entre a densa rama das pestanas  
Partia a luz das languidas pupillas.  
Desmaiára de amor a rosa esplendida ;  
E voltava de novo áquella face  
A pallidez do lyrio das campinas.

Abatida e indolente, erguera a fronte ;  
Caminhámos os dois para a janella :  
Os primeiros clarões da madrugada  
Vinham rompendo já no firmamento.  
Chegava, enfim, a hora ; era forçoso  
Dizer adeus á seductora imagem !

Que formosos versos ! Como a paixão, pungida ligeiramente pelo espinho do remorso, desafoga nestas ardentes estrophes, que um attractivo de melancholia tornam mais insinuantes !

Não resisto á tentação de ainda trasladar para aqui mais uma parte desta composição. Agora o espirito diabolico, depois de haver apparecido ao poeta, e empenhado em perder a pobre Lelia, falla-lhe do seguinte modo :

— « Um sacerdote ancião, que além habita,  
Naquelle ermida que d'aqui se avista,  
Teima em não m'a deixar, tu só podias  
Ajudar-me a vencer nesta batalha.  
Inda ha pouco menti quando te disse  
Ser tarde já para salvar a pomba,  
E' tempo ainda. Oh ! vai ! colhe as primicias  
Daquelle coração que te idolatra,  
Tudo é luz, seducção, amor, encanto,  
Na voz, no olhar, na languida ternura  
Da rosa virginal que tu despresas.  
Anhelantes te esperam já seus lábios ;  
O seu peito infantil por ti suspira ;  
No ouvido sente a voz dos teus protestos ;  
O subito rubor lhe affronta as faces  
Não a vês hesitar, tremer, fugir-te  
Acercar-se outra vez, sorrir a furto,  
Escondendo nas mãos a fronte bella ?  
De novo inda luctar, mas já sem forças  
Cahir por fim num languido deliquio ?

Oh! corre a ser feliz aos braços della! » —  
 Um momento depois destas palavras,  
 Em doce consonancia extranhas vozes  
 De improviso romperam neste canto:

— « Seja a breve passagem da vida  
 Uma serie de ardentes delirios;  
 Quem procura colher os martyrios  
 Quando existem as rosas em flôr?!

Venturosos ergamos as taças  
 Onde brilha o licor purpurino;  
 E soltemos as voses num hymno  
 Consagrado aos deleites do amor!

Vem poeta: as tristezas do mundo  
 Não comprimem jamais nossas almas;  
 Nós cercamos de floridas palmas  
 A existencia votada ao prazer!

O que importa que a noute succeda  
 Aos sorrisos do astro diurno?  
 Para nós o seu manto nocturno  
 Mil delicias nos torna a trazer! » —

Apossou-se de mim o immundo espirito,  
 — « Sou teu, ó tentador, enfim lhe disse;  
 Ao teu fatal poder entrego est'alma!  
 Dize, dize, onde está essa que eu vejo,  
 Mas que procuro em vão cingir nos braços? » —  
 — « Onde está? vaes saber o, e num momento  
 A seus pés cairás ebrio de gosto! » —

Ao secreto aposento, onde jazia  
 A virgem dos meus sonhos, me dirige  
 O torpe embaidor. Entro em delirio,  
 E ardendo em chammas de brutaes desejos,  
 No casto ninho onde vivia a pomba.  
 De repente uma luz serena e branda  
 Veio alegrar as trevas da minh'alma.  
 Outra vez á razão volto, e que vejo?...  
 Ante mim, venerando sacerdote,  
 Pondo-me ao peito a cruz que nessa tarde  
 A enganadora Julia me roubára.  
 Lelia, a seu lado, com as mãos erguidas,  
 E os olhos postos no sagrado emblema,  
 Estas doces palavras me dizia:

— « Deixou-te o negro espirito!  
 Feliz de novo agora  
 Sorri tua alma em extasi  
 Ao ver a pura aurora,  
 Da qual sómente é nuncia  
 Na terra a humilde cruz!  
 Só ella, eterno symbolo  
 De amor, e de piedade,  
 Brilha no mundo esplendida,  
 E diz á humanidade:  
 Surge das trevas lugubres;  
 Ascende á ethérea luz! —

Julguei-me nesse instante transportado  
A' mansão do Senhor. Caindo em extasi,  
Disse, rompendo em delicioso pranto.

— Em nome desta cruz, ó doce imagem,  
Jura que para sempre has de ser minha. » —  
— « Juro » — disse ella então. Nesse momento  
Aproximou-se a nós o sacerdote,  
Cuja fronte senil resplandecia  
Co'a luz celeste que illumina o justo ;  
E unindo as nossas mãos, em voz solemne  
A sacrosanta benção proferira.

Aqui termina, ó muse, a minha historia.  
Accordei do meu sonho, e depois d'elle  
Tenho visto o demonio algumas vezes ;  
Não menos vezes a traidora Julia ;  
Porém, Lelia, a gentil, graciosa virgem,  
A predilecta noiva da minh'alma,  
Essa apenas em sonhos me apparece.

( *Continúa.* )

J. M. DE ANDRADE FERREIRA.

---

## A DESGRAÇA DA RIQUEZA.

### A' MINHA JOVEN AMIGA\*\*\*

Na presente época o que mais predomina na creatura é a ambição do ouro, uma das que eu desculpo menos, e menos comprehendo como necessaria á felicidade.

Quantas vezes das trevas d'um carcere, e hoje d'este meu modesto gabinete de estudo e benefica concentração, tenho procurado nos dias passados na opulencia uma hora que me seja saudosa pelo bem sem me custar um espinho !...

Não encontro : nem uma sequer tenho a chorar ; e já agora a esperanza bate á porta da velhice da alma, mais pesada que a do corpo quando a causa são os trabalhos e soffrimentos mais que humanos.

Vedando-me os seus áditos como ao leproso de Xavier de Maistre, a sociedade deu vida ao pensamento que devia matar. O meu horisonte alargou, subiu em magestade, e fecundou-me o espirito, rebelde em outra situação ao germen poderoso que de esteril o tornou fructifero.

Verdade é, realmente, a grande maxima de Shakspeare, esse genio distincto d'uma outra era literaria

« A riqueza mais colossal sem satisfação, é um estado de miseria e desgosto mil vezes peor que a extrema indigencia acompanhada da alegria intima »

Tambem o creio : a felicidade está em muito, e em bem pouco. Está na paz da consciencia, na estima de si proprio, e algumas vezes na applicação ao trabalho.

A sua alma, minha querida filha, está ainda a formar-se, como o botão que de hora a hora a gota do orvalho matutino, o raio de sol, o poder da natureza reforça para desabrochar com toda a sua lindeza e brilhantismo.

Oxalá que tão ricos dons lhes sejam aurora e precursores d'um bello dia.

Pense algumas vezes n'elle, e não se cegue á primeira luz que é sempre reflectida dos nossos devaneios infantis, e fugitiva e enganosa como elles.

E' uma singela historia que eu vou contar-lhe. Leia-a, medite-a na solidão da sua cela tão povoada pelos rizos da sua feliz idade. Por contente me dou se acceitar esta humilde dedicatoria como uma prova do muito que de coração lhe quero.

## I.

« O mendigo voluntario é rei  
« em confronto com o opulento  
« que não enfrea os seus  
« appetites.

*Timão de Athenas*

*Shakspeare.*

Em 1841, M<sup>me</sup> Guichard era a modista adorada das portuenses. Da sua laboriosa officina sahia, ás Trindades, quando a obra não apertava a serão, um enxame de raparigas de doze a vinte annos.

Não falhavam nunca, áquella hora, os elegantes occiosos, nem os burguezes de mais ou menos idade, uns induzidos pelo innocente goso da vista, outros pelos arremessos impetuozos do coração.

E a mim me parece que a todos seria de grande força refrear-se : tão feiticeiras e sedutoras eram as galantes creaturinhas. Tem isso a nossa terra : e o nosso Porto é fértil em formosuras.

Entre tantas, porém, os olhos pasciam-se com mais gosto em duas, sempre um pouco afastadas das companheiras como estranhas aos requiebrados dos amadores, e ao bando ruidoso que desatava em casquinadas de riso alegre, esquecendo o trabalho do dia seguinte.

Em ambas se apercebia a modestia e a graciosidade natural que tantas sympathias acareia ; mas uma mais do que a outra se extremava.

Um singelo vestido de chita riscado, justo na cintura pelo avental de merinó preto, o capotinho de panno, não muito fino mas primando em limpeza, e por fim o lenço de cassa branco, não tão avaro que não descobrisse as fartas tranças de cabello escuro, que enquadravam perfeitamente um rosto oval e mimoso ; era o traçar quotidianno de Marianna, que o ostentava sem lembrança de maiores brios, ou assomo de impertinentes desejos.

Contente com a sua sorte, não invejava ella os ricos estôfos que todos os dias lhe passavam debaixo dos dedos delicados, nem lamentava a estreiteza do seu destino. O seu unico sonho e ambição de muitos annos, era chegar a contra-mestra do estabellecimento, e essa acabava de ser satisfeita.

Orphan de pais, desde menina acolheu-a uma tia que de pouco se achava viuva.

Jeronima se chamava a boa mulher ; acceitou com lagrimas o doce encargo que lhe provinha da perda d'uma irman querida, e deu-se a amar a sobrinha tanto como ao filho, e filha que de seu chorado marido lhe ficaram.

Francisco, muito mais velho que sua irman, já n'essa epocha contava quatorse annos : dotado d'um bom coração e altos instinctos de virtude, affervorou a mãe na santa missão, trabalhando com mais ardor, e vigiando os pequenos ganhos que sobravam da loja de sapateiro que lhe deixara o pai como unica herança, afóra a perfeição no seu officio.

Quando chegou a idade propria, Jeronima, como mãe carinhosa e previdente, fez entrar as duas meninas em casa de M<sup>me</sup> Guichard, garantindo, ou preparando-lhes o futuro.

Marianna comprehendeu bem o que lhe impunha a sua situação.

Foi desde os primeiros dias a mais cuidadosa, e em pouco tempo grangeou a confiança e amizade da directora, até que a força de vontade suppriu o pouco cabedal de diligencia que ha n'aquellas idades, conseguindo como merecida recompensa o lugar que desejava. Logo que, sobresaltada de gosto, teve esta boa nova, sem se apartar dos seus bons parentes, tomou de aluguer a sobre-loja da mesma casa em que moravam, e feliz como uma andorinha, recolhia á noite ao seu ninho querido, que mais do que a frescura alvejando das cortinas do pequeno leito de ferro, e a simplicidade dos moveis lustrosos como um espelho, a sua presença alindava.

Era ali que aos domingos, unicas horas de folguedo e descanso, se reunia a feliz familia, sem affrouxar o entranhado affecto que todos se davam.

N'esses dias, Marianna dispertava ao amanhecer, e depois da oração da manhan, cuidava no aceio do seu palacio, regava o seu jardim, um grande caixão de pau tomando toda a largura da janella, e onde se misturava a salsa com os goivos e os cravos; e engolido o frugal almoço d'uma taça de leite com pão migado, descia toda preparada e radiosa, a dar os bons dias á tia e primos, acompanhando-os depois á vizinha igreja de S. Bento.

Francisco que assim a via, boa, linda, e trabalhadeira, ufanava-se d'ella, affagando na mente a idéa de merece-la por companheira de toda a vida. Amava-a com a allucinação d'um primeiro amor, ligada ao sentimento mavioso que prende duas almas que se estimam desde a meninice. Jeronima por si revia-se n'aquelle par, pedindo a Deus que não lhe fechasse os olhos sem os ver unidos. Malograda esperança!

O Senhor formou do barro do homem a mulher, mas pouco lhe deu para a salvar do imperio das fragilidades, e da violenta exigencia dos sete pecados capitaes. Que não quero eu dizer com isto, que é forte o barro de que sahio a costella; pelo contrario, mal aproveitada foi a prodigalidade do Divino Creador do Universo.

Marianna conhecia as intenções dos seus e não as contrariava. Sentia profunda estima e grande amizade por seu primo.

Assim corria o tempo, quando se espalhou a noticia d'um grande baile que se dava na extincta assembléa da Fabrica a festejo de não sei que personagem que nada tem que ver com isto. A' casa de M<sup>me</sup> Guichard convergiram as encommendas;

as sedas, os velludos, as tarlatanas e as flores que o seu reconhecido gosto e a moda ia retalhar sem commiserção.

De todas, a que mais se esmerava em dar vasio á obra era Marianna.

Trez noites perdeu, encostando-se apenas duas horas em cada uma, para não faltar ás muitas freguezas da casa.

Tamanho foi o lucro, que M<sup>me</sup> Guichard grata ao incansavel zelo de Marianna, no dia seguinte, ao despegar da agulha, chamando-a de parte, e como gratificação metteu-lhe entre as mãos uma peça em ouro.

Assombroso foi o pasmo d'esta.

Quiz regeitar, mas era tão forte a torrente da sua alegria que se lhe illuminou o rosto, e perdeu a voz. Era de verdade, uma grande riqueza para a pobre costureira, acostumada a receber de feria dezoito tostões no fim de seis dias de aturado trabalho.

Foi essa noite de festa, no pequeno recinto que era todo o mundo de Marianna. Que de projectos, que de cogitações, para decidir em que se empregaria a bem vinda peça de ouro! Jeronima votava pelos arranjos de casa, Francisco por um cordão, e Thereza por um vestido de fazenda. Marianna, porém, não sabia deliberar.

Depois de se darem as boas noites e cada um ir procurar o repouso necessario, Marianna ainda scismou por muito tempo.

Mesquinha, e imperfeita, é a creatura humana!

Já lhe parecia que só o dinheiro dá praser e satisfação, esquecendo os dias passados no deliciosissimo contentamento da sua até ahi affervorada lida. Havia já entornado na alma uma gota do veneno da ambição.

Sonhou que se via senhora de grandes bens, opulenta na sociedade; e, ao despertar rapidamente de tantos enganos, lançou vista desconsoladora ao que no dia anterior olhava como de sobejo sumptuoso.

Esqueceu as florinhas amadas, e pela primeira vez maldisse o destino que a obrigava a estar, a determinadas horas, na loja, em quanto tanta creatura feliz se voltava ainda no macio leito recahindo na doce somnolência da manhan.

Não havia, porém, que transigir. Embrulhou a peça em um papelinho, fechou-a n'uma gaveta como thesouro de avaro, e lançando o capote aos hombros desceu a escada.

A meio caminho sobresaltou-a uma voz que bradava alto. Era um cautelleiro offerecendo o ultimo numero d'essa loteria,

e n'elle o premio de vinte contos de réis. Marianna estacou : depois, obedecendo a um impulso interior, fez signal ao homem, voltou atraz, e passou para os dedos tremulos essa tira de papel que era todo o seu porvir.

Vinte e quatro horas depois grande alvoroço ia na officina de M<sup>me</sup> Guichard. Marianna devia ao acaso a sorte grande : estava rica.

(*Continúa.*)

ANNA AUGUSTA PLACIDO.

---

## DINHEIRO !

( *Continuação do n.º 10.* )

XXXI.

Pensava o Frei-Poeta *que viria*  
 Todo o povo de França, Italia e *Hespanha*,  
 E que tudo a seus pés *sujeitaria*  
 Na cidade immortal que o Tejo *banha* :  
 Orgulhoso, sonhou *que venceria*  
 A fama sua, toda a fama *estranha*,  
 Julgando pouco para sua *gloria*  
 Pasmosa erudição, grande *memoria*.

XXXII.

Suppunha ver o mundo *sujugado*,  
 E nunca lhe *tirou fortuna*, ou caso,  
 Nem conseguiu seu estro *ver cantado*  
 Por *quantos bebem a agoa do Parnaso* :  
 Odiou Camões, e quiz *ver sepultado*  
 Seu tão celebre nome *em negro vaso*,  
 Sendo pobre, tambem, que a mais não *chegam*  
 Os que no mar das *letras só navegam*.

## XXXIII.

Ergue altivas canções a *Venus bella*,  
 Canta os feitos da gente *lusitana*,  
*Per quantas calidades via n'ella*,  
*Da antiga*, sem pavor, gente *romana* :  
 Julga brilhante, aqui, a sua *estrella*,  
 Como ao longe, na *terra tingitana* ;  
 E pretende fazer quanto *imagina*,  
 Na lingua de seus paes, e na *latina*.

## XXXIV

E se os risos não vê de *Cytherea*  
 Que os maviosos cantos só *entende* ;  
 Se estende a mão pesada á *clara dea*,  
 E ella a mão, desdenhosa, não lhe *estende*,  
 Não cede o orgulho seu, nem *arrecêa*  
 Que não possa vencer o *que pretende* :  
 Sempre os zoilos na audacia *permanecem*  
 Quando os instinctos maus os *favorecem*.

## XXXV.

*Qual Austro fero, ou Bóreas na espessura,*  
*De silvestre arvoredado abastecida,*  
*Rompendo os ramos vão da matta escura,*  
*Com impetu, e bravesa desmedida,*  
*Brama toda a montanha, o som murmura,*  
*Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida :*  
*Tal andava o tumulto levantado,*  
*De Macedo no Olympo consagrado.*

## XXXVI.

No MOTIM LITTERARIO *sustentava*  
 Que eram todos uns loucos *em perfia* ;  
 Que este a sévera critica *obrigava*,  
 E aquelle um azorrague *merecia* ;  
 Mas, quando sobre os mais se *levantava*,  
*Merencorio no gesto parecia*,  
 Cada nome, na lista *pendurado*,  
*Deitando pera traz, medonho e irado.*

## XXXVII.

Vendo, por fim, seu throno *de diamante*  
 Sobre bases d'areia mal *seguro*,  
 Em longo **solliloquio** viu *diante*  
 Surgir-lhe o desengano, atroz e *duro* :  
 Então, na intelligencia *penetrante*  
 Um pensamento lhe passou, mais *puro* :  
 Conheceu-se Macedo, e, *de torvado*,  
 Um pouco a luz perdeu, como *enfado*.

## XXXVIII.

*E disse assi: « O' Padre, a cujo imperio*  
*Tudo aquillo obedece, que creaste ;*  
 Se esta gente não quer, neste *hemispherio*,  
 Obras eternisar, que *tanto amaste*,  
 Não manejas tão forte o *vituperio*,  
 (Que não se curva a quem ao *que ordenaste*)  
 Não quer o povo, que é *juiz direito*,  
*Razões de quem parece que é suspeito. »*

## XXXIX.

E foi justo que o Padre *não mostrasse*  
 Contra o mundo rancor *demasiado* ;  
 Que, apoz a reflexão, não *sustentasse*  
 Ser das Musas de Lysia o mais *privado* :  
*Mas esta tenção sua agora passe,*  
*Porque emfim vem de estamago damnado,*  
*Que nunca tirará alheia inveja*  
*O bem, que outrem merece, e o ceo deseja.*

## XL.

Do genio de Camões a *fortaleza*,  
 De Macedo a censura, mal *tomada*,  
 A ideia d'ambos, de que é vil *fraqueza*  
*Desistir-se da cousa começada,*  
 Deu tudo á desventura *ligeirisa*,  
 Que já do berço aos dous veio *talhada* :  
 Ouro ! Só ouro, que inda em *bruto, informe*,  
 Dará causa a que o mundo *se reforme*.

## XLI.

Só tu, dinheiro, és grande e *poderosa* !  
 O teu divino ser não *consentiu*  
 Que menos te fizesse *valeroso*  
 O que a invenção dos homens *esparziu* :  
 Imperas absoluto, e, *glorioso*,  
 Jamais o teu dominio *se partiu* :  
 Tens no mundo reaes *acatamentos*,  
 Guardam povos e reis teus *aposentos*.

## XLII.

Ou tenhas do metal a côr *formosa*,  
 Ou pintado em papel, *omnipotente*  
 Dobras submissa a gente *bellicosa*,  
 Seja da banda do Austro ou do *Oriente* :  
 Ouro divino ! Tua lei *famosa*  
 Propaga em clima frio, ou clima *ardente* ;  
 Nem mais forte que tu fôra *Typheu*,  
 Nem Jupiter, que em ti se *converteu*.

## XLIII.

Os meus heroes, se os ventos os *levavam*  
 Sobre as agoas do mar a porto *amigo*,  
 Era por ti, somente, que *mostravam*  
 A constancia e o valor ante o *perigo* :  
 Se altivos, fortes, sobre as leis *passavam*,  
 Seguindo, sem temor, costume *antigo*,  
 E' que a razão, prudente, lhes *mostrava*,  
 Se os crimes sujam, que o dinheiro *lava*.

( *Continua.* )

F. X. DE NOVAES.

---

**UM ANJO.**

E' vasto, como a terra, o mar immenso ;  
 A terra iguala o mar na vastidão ;  
 E' vasto o ceo azul, docel suspenso  
 Da mão de Deus, cobrindo a criação.

E' vasta a luz do sol, que, inteiro, o mundo  
 Deslumbra com esplendido fulgor ;  
 E' tudo vasto, o que do caos profundo  
 Se alevantara, á voz do Creador !

Mesquinho verme és tu, homem ousado,  
 D'areia vivo grão, em vivo mar ;  
 Luseiro em sopro divinal creado,  
 E que outro sopro igual ha te apagar.

E attestas inda mais tua fraquesa  
 Quando, orgulhoso e audaz, em sonhos teus,  
 Tentando avassalar a natureza,  
 Desconheces quem és, e insultas Deus !

Julgas domar as furias do Oceano,  
 D'arte pelo poder que vem de ti ;  
 Mas offende-se o mar do orgulho humano,  
 Cuspindo ás nuvens quanto sente em si !

E abraçado nos ramos da sciencia,  
 Do tempo as mutações predizer vens ;  
 Mas vence-te a divina sapiencia  
 Com immenso poder, que tu não tens !

Nem pensas, em tens sonhos embebido,  
 Que Deus, que essa vaidade aqui não quer,  
 Por deixar-te humilhado e confundido,  
 D'uma parte de ti — fez a mulher !

Timida e fraca, na fraquesa forte,  
 Teu destino, infeliz, só nella está ;  
 Nas procellas da vida ella é teu norte,  
 Se a direcção te falta, ella t'a dá !

Uma falla, um sorriso, um leve aceno,  
 A quem te exalta mostrará quem és ;  
 Grande no mundo, ficarás pequeno  
 Quando intente a mulher ver-te a seus pés !

Forte por ella — tu serás covarde,  
 E timido, serás — por ella — audaz ;  
 Se ardente sangue em tuas veias arde,  
 Aceitarás — por ella — ociosa paz !

Se dos dons naturaes ao doce encanto  
 Podes altivo, um dia, resistir,  
 Outra força ella tem — e ao triste pranto,  
 Hasde tu, se tens alma, succumbir !

Bem forte fui eu já ; — mas nessa guerra,  
 Na batalha que o peito á razão deu,  
 Cedi... só porque Deos mandou á terra,  
 Com formas de mulher, um ANJO seu.

## CHRONICA.

Rio, 15 de fevereiro de 1863.

Cinco ou seis dias depois da abertura da exposição fui á Academia das Bellas Artes. Cuidava encontrar ali uma diminuta concurrencia, a dessa pouca gente que neste paiz conhece e preza a arte. Calcule o leitor o meu espanto quando tive de atravessar aquellas salas desertas, onde as telas, as estatuas e os baixo-relevos pareciam olhar-se mutuamente como que desolados por tão cruel abandono.

Provará este facto contra a Academia? Ter-se-hão desfeito as esperanças postas naquella escola tão custosamente creada?

As proporções deste escripto não permitem uma séria e detida analyse deste ponto; mas não deixarei de attestar duas cousas, uma contra; outra a favor da Academia; a primeira, é que realmente os resultados da Academia estão abaixo das esperanças e das legitimas previsões; a segunda, é que esse malogro procura hoje a Academia attenuar-o por meio de alguns esforços. Todos os esforços serão poucos, e se a Academia não se convencer disto, demitte-se de uma posição que póde vir a ser gloriosa, se fôr fecunda.

A exposição este anno foi augmentada com algumas copias de obras primas que estão nos museus da Europa. Entre essas copias avulta a do *Corpo de Hercules*, desenterrado em Roma, no *Campo di fiori* e guardado hoje no museu do Vaticano. E' o resto de uma estatua que devia ser admiravel, á vista do tronco mutilado e carcomido; nota-se mais o *Antinoos* cujo original existe no Capitolio; o *Apollonio*, da galleria de Florença; a *Venus d'Arles* da mesma; a *Amazona* e outras.

São tambem dignos de attenção os trabalhos lithographicos offercidos á Academia pelo proprio autor o Sr. Brascaat. São dous quadros; o primeiro representa *Uma luta de touros*, o segundo *Touros defendendo uma vacca*.

Acham-se esses quadros na salla do vestibulo, onde tambem se encontram duas gravuras delicadas de execução, representando uma *A destruição de Jerusatem*, e outra *A dispersão dos povos*, copias ambas de paineis existentes no museu de Berlim.

Se penetrarmos na salla de pintura encontraremos em primeiro lugar alguns retratos do Sr. Carlos Luiz do Nascimento, conservador do Pinacotheca, dos quaes dous apenas me pareceram completamente bons. Isto deve ser dito acompanhado de um louvor ao Sr. Nascimento pelos seus excellentes trabalhos de restauração que o tornam artista notavel e indispensavel naquella escola.

O Sr. Victor Meirelles de Lima tem alguns quadros nessa salla, os quaes, parecendo bons, não são notaveis, pelo menos quanto é notavel a sua *Cabeça de estudo* sob n. 7. O mesmo artista tem na exposição o seu quadro *A primeira missa no Brasil*, obra já conhecida, e que, a não ter desses defeitos subteis que não se revellam á minha incompetencia, me parece um painel excellente.

A exposição do Sr. Agostinho José da Motta pecca por pequena e mediocre; os seus retratos não são obras taes que o Sr. Motta, talentos o professor da Academia, preferisse ás paisagens que tão bem sabe pintar: quem o não

conhecer e quizer julgar pela exposição deste anno fica com uma idéa muito aquem d'aquillo a que o seu talento tem direito.

Do Sr. Arsenio da Silva existem na exposição algumas paisagens onde ha toques delicados e verdadeiramente artisticos ; mas é pena que o seu pincel se escape em outros toques, por vezes tão carregados, que fazem destacar no conjunto de seus paineis.

A exposição do Sr. Emilio Bauch pareceu-me insignificante. *A volta do casamento, no norte do Brasil* é um quadro de muito reprehensivel execução ; o vagalhão sobre que se levanta o batel do noivado parece solidamente construido de madeira, tal o seu aspecto pesado e duro ; se examinarmos a vela, a flamula e as roupas dostripolantes da barca, acharemos que muitos ventos sopram naquelle sitio; ao passo que um impelle o barco em uma direcção, outro em direcção opposta faz tremular brandamente a flamula ; e um terceiro brinca ao capricho do pintor com os collarinhos e as jponas da tripulação.

O quadro do Sr. Julio Le Chevrel *Paraguassú e Diogo Alvares Correia* tem cousas boas e cousas más. A figura de Diogo Correia recebendo Paraguassú das aguas não têm expressão alguma ; é uma cara morta ; o mesmo acontece com a indigena. Como esteja Paraguassú, quasi toda fóra d'agua, quíz-lhe o pintor espalhar pelo corpo umas gotas, mas tão infeliz se houve no trabalho, que, trasida a figura ao tamanho natural, ficam aquellas gotas do tamanho de grandes ovos, sendo que já o seu aspecto é o de enormes perolas ; dissera-se que ao salvar-se no bote de Correia, Paraguassú rompera um colar de perolas que lhe vão rolando pelo corpo abaixo. Ha, além destes outros defeitos que não posso enumerar por me ir faltando espaço e não tel-os neste momento de memoria.

Na exposição de esculptura ha um grupo do Sr. Leon Deprez de Cluny, representando *Uma familia de selvagens atacada por uma serpente*. Os animaes mortos que jazem no chão são o que ha de mais notavel neste grupo : o mais ou é regular cu falso ; na ordem do falso está a indigena cuja cara com uma leve correcção fica puro caucasiano.

E' digno de nota o busto em marmore do Sr. conselheiro T. G. dos Santos, e digno de animação o artista que o fez, que é o Sr. José da Silva Santos E' um dos melhores trabalhos da Academia.

Na exposição dos artefactos da industria nacional sobresaem os trabalhos de fundição de ferro e bronze do Sr. Miguel Couto dos Santos e a encardenação da *Constituição Belga*, obra do Sr. J. B. Lombaerts.

Naturalmente, escrevendo alguns dias depois da minha visita á exposição deixo de mencionar alguma cousa que talvez mereça essa distincção ; mas nem já agora é dado remediar o mal, se mal ha nisto, nem eu quisera por modo algum tornar estes simples apontamentos da minha chronica em revista critica de artes liberaes.

A quizena que findou foi puramente artistica e litteraria Passo ás noticias litterarias. Tenho em primeiro lugar nas minhas notas as *Produções poeticas* de Francisco José Pinheiro Guimarães, grosso volume contendo o *Chid-Harold* e o *Sardanapalo*, de Byron, o *Roubo da Madeixa* de Pope, e o *Ernani* de Victor Hugo.

O nome de F. J. Pinheiro Guimarães é conhecido por quantos estimam e presam as letras; mas sinceramente creio que a nomeada do finado poeta não está na altura de seu brilhante talento. E' que esse talento curava pouco de publicidade; e poetisava por natureza, como as flores dimanam cheiros, como uma necessidade fatal, sem que o pensamento de gloria o preocupasse e fizesse pensar detidamente no futuro. Desta desambição, tão rara quanto funesta, deriva o nenhum caso que o poeta parecia fazer de seus versos, mal os acabava, como nos communica o Sr. Dr. Octaviano no prefacio do livro.

Se as *Produções poeticas* são portanto, uma revelação para muita gente para todos quasi, é certo que essa revelação é dos mais indisputaveis. Uma locução menos branda, um verso menos correcto, são defeitos esses que o leitor perspicaz não deixará de notar nas *Traducções* mais de uma vez; mas o poeta não desceo *às terras chãs de revisão litteraria*, e essa é a explicação da ausencia de outras bellezas que a obra viria a ter. Em qualquer caso serve a declaração do autor do prologo de que o poeta nacionalisou brasileiros a tres poetas.

As dores da patria inspiram sempre as almas poeticas; e a musa, nas crises nacionaes, sabe erguer a sua voz como um protesto solemne e uma suprema consolação. Revelação para mim e para muita gente foi o folheto de versos patrioticos publicado em S. Paulo, por L. Varella. Dizem ser este moço um estudante de direito, e ter já escripto e publicado outros versos. Não me lembro de os ter lido; o talento que escreveu os versos patrioticos, onde quer que se revellasse devia deixar um perfume proprio para se não esquecer.

Os cantos patrioticos merecem, pois, de minha parte, uma dupla attenção, por seu merito intrinseco e por serem os primeiros versos do poeta que conheço. Essa attenção já eu lh'a dei, lendo-os, relendo-os, conservando-os entre os livros mais do meu gosto. Segue-se d'aqui, que os cantos sejam obra perfeita, que não haja alli certa pompa extrema e affectada, defeitos de forma ás vezes, e ás vezes vulgaridade de pensamento? Dizer que não, seria enunciar o que não está no meu espirito; e eu antes de tudo devo a verdade ao poeta. Mas, a par dos defeitos dos seus cantos patrioticos, ha bellezas dignas de apreço; moço como é, o Sr. Varella tem adiante de si um futuro que a applicação e o estudo dos mestres tornará glorioso.

Com a publicação do IX volume da *Bibliotheca Brasileira*, termino a parte litteraria da quinzena.

Contém este volume a primeira parte do romance do meu finado amigo Dr. Manoel Antonio de Almeida, *Memorias de um sargento de milicias*. A obra é bem conhecida, e aquella vigorosa intelligencia que a morte arrebatou d'entre nós bastante apreciada, para occupar-me neste momento com essas paginas tão graciosamente escriptas. Em quanto se não reúne em volume os escriptos dispersos de Manoel de Almeida, entendeu Quintino Bocayuva dever fazer uma reimpressão das *Memorias*, hoje raras e cuidadosamente guardadas por quem possui algum exemplar. E' para agradecer-lhe esta piedosa recordação do nosso commum amigo.

MACHADO DE ASSIS.



# O FUTURO.

## PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

**FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.**

COLLABORADO POR VARIOS ESCRIPTORES BRASILEIROS E PORTUGUEZES

**Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.**

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.

Afiança se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menos prazo.

---

### Condições da assignatura.

Para a Córte 15\$000 — Para fóra da Córte e Provincias 17\$000.-

**Assigna-se no escriptorio da redacção**

**RUA DO OUVIDOR N. 46, 1.º ANDAR,**

**onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.**

---

### São correspondentes.

Os Srs.

Catilina & Comp.  
Cunha Irmãos & Comp.  
Luiz Augusto de Oliveira  
Joaquim Baptista Moreira  
Silva & Costa . . .  
Francisco Luiz Ribeiro  
Joaquim Alves Leite . . .  
J. J. de S. Ayram Martins  
Felizardo Toscano de Brito  
José Gonçalves Guimarães.  
A. L. Garraux . . .  
Henrique Xavier de Novaes

Bahia.  
Pernambuco.  
Maranhão.  
Pará.  
Rio Grande do Sul.  
Pelotas.  
Porto-Alegre.  
Santos.  
Parahyba do Norte.  
Maceió.  
S. Paulo.  
Vassouras.